

## Atleta, substantivo feminino: As mulheres brasileiras nos jogos olímpicos.

*Sandra Bellas de Romariz\**

*Fabiano Pries Davide\*\**

*Sebastião Votre\*\*\**

**Resumo:** O livro *Atleta, substantivo feminino: As mulheres brasileiras nos jogos olímpicos*, publicado em 2006 por Oscar Valporto, reúne contos das histórias de vida de vinte atletas olímpicas brasileiras construídas a partir de relatos pessoais que descrevem as suas trajetórias desde sua primeira participação, em 1932, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, até a conquista da tão sonhada primeira medalha olímpica, em Atlanta, 1996. Os contos da obra relatam as carreiras esportivas, ressaltando as barreiras sociais transpostas por cada uma dessas atletas pioneiras. O livro se divide em quatro partes: inicia com as trajetórias das pioneiras do esporte nas modalidades natação e atletismo e finaliza com as atletas da primeira geração que conquistou medalhas olímpicas. As mulheres referenciadas como pioneiras são: Maria Lenk e Mary Dalva – natação; Wanda e Aída dos Santos – atletismo. O autor segue destacando as atletas olímpicas Maria Elisa (natação), Isabel (vôlei); Luisa Parente (ginástica olímpica) e Soraia (judô). O livro ainda retrata as rainhas da areia: Jackie, Mônica, Adriana, Sandra, Adriana Behar e Shelda; e se encerra com as mulheres que conquistaram as medalhas nos esportes coletivos: Paula e Janeth (basquete), Leila e Virna (vôlei de quadra) e Pretinha e Marta (futebol de campo). A obra está direcionada aos amantes do esporte nacional e da história, e, ainda que não apresente um texto no formato acadêmico, tem seu mérito por ser pioneira em resgatar tais trajetórias, oferecendo aos profissionais de educação física a possibilidade de realizar debates relevantes sobre as questões de gênero na escola.

**Palavras-chave:** História. Mulheres. Jogos olímpicos. Esporte.

---

\* Mestre em Motricidade Humana pela UCB, professora na graduação em Educação Física na Faculdade Integrada Maria Thereza e no Centro Universitário Plínio Leite e professora da FAETEC. E-mail: sbellas@ig.com.br

\*\* Doutor em Educação Física e Cultura, professor adjunto do programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física (PGCAF/UNIVERSO), coordenador do Grupo de Pesquisa Gênero na Educação Física e no Desporto/CNPq, professor adjunto dos cursos de Licenciatura em Educação Física e Especialização em Educação Física Escola (UNISUAM). E-mail: fabianodevide@uol.com.br

\*\*\* Doutor e Livre-docente em lingüística, professor titular da UFRJ (aposentado), professor titular da UGF e associado na UFF. E-mail: sebastianovotre@yahoo.com

## 1 INTRODUÇÃO

O livro intitulado *Atleta, substantivo feminino: As mulheres brasileiras nos jogos olímpicos*, com autoria do jornalista Oscar Valporto,<sup>1</sup> publicado pela editora Casa da Palavra em 2006 e composto de 295 páginas, apresenta vinte contos sobre as trajetórias esportivas vivenciadas por atletas brasileiras olímpicas, divididos em sete capítulos: 1 – pioneiras; 2 – novos degraus; 3 – rainhas da areia; 4 – conquistas coletivas; 5 – depois do pódio; 6 – entrevistas e 7 – mulheres olímpicas. Os contos permitem a quem lê projetar-se no “tempo olímpico” percorrido por essas atletas, pois aborda, de forma cronológica, a participação das mulheres brasileiras nos jogos olímpicos modernos. O autor propõe, com os capítulos do livro, um roteiro que norteará a construção da trajetória da participação feminina nos Jogos Olímpicos, principalmente das atletas brasileiras, já que por um grande período o esporte era uma atividade apenas para os homens.

O livro inicia com um pequeno relato sobre os jogos olímpicos, destacando o ideário da época, representado pela figura do barão Pierre de Coubertin, que afirmava ser o esporte uma atividade reservada aos homens e à construção da virilidade masculina. Cabe refletir sobre o olhar de Valporto a respeito dos ideais de Coubertin, sobretudo à análise histórica descontextualizada – Coubertin representava os ideais e as representações de uma época e não era contra a participação das mulheres nas atividades físicas e nos esportes. Sua ressalva era em relação à exposição pública das mulheres em competições esportivas nos Jogos Olímpicos.

O autor inicia seus contos sobre as atletas brasileiras pioneiras nos jogos olímpicos, destacando: Maria Lenk, Wanda dos Santos, Mary Dalva Proença e Aída dos Santos. Justifica a escolha da atleta de natação Maria Lenk, por ela ter sido a primeira mulher sul-americana a disputar os jogos olímpicos modernos, em Los Angeles,

---

<sup>1</sup> O mesmo autor publicou também, pela Casa da Palavra, o livro *Atenas 2004 – O Brasil no berço dos jogos olímpicos*. Na sua carreira como jornalista, Valporto teve passagem em três grandes jornais: O Globo, como chefe de reportagem e editor assistente; Jornal do Brasil, de que foi coordenador; e no jornal O Dia, do qual foi editor-executivo.

1932. Nessa ocasião, a delegação brasileira contava com 67 atletas, entre os quais Maria Lenk era a única mulher atleta. Em 1936, nos jogos olímpicos de Berlim, a nadadora também esteve presente. Nos anos subseqüentes de 1940 e 1944 os jogos olímpicos foram cancelados devido à Segunda Guerra Mundial, sepultando o sonho da nadadora de participar pela terceira vez do evento e causando enorme frustração em sua vida. Atualmente, ultrapassados os 90 anos, Lenk participa de Campeonatos Mundiais de Natação na categoria Máster.

A segunda atleta apresentada à leitura vem do atletismo: Wanda dos Santos, corredora da prova de 80m com barreira. Uma atleta humilde de família modesta da zona Norte do Rio de Janeiro, que, por ser negra, chamou a atenção dos outros atletas, quando participou de sua primeira olimpíada, em 1952, em Helsinque, na Finlândia. Esteve presente nos jogos olímpicos de Roma, em 1960, quando foi a única representante mulher na delegação brasileira. Em tempos de esporte amador, Wanda dos Santos conciliava sua vida de atleta com a rotina de trabalho em um emprego de auxiliar de escritório. A história de Wanda é importante para refletirmos sobre as interfaces entre ser mulher, negra e trabalhadora, convidando-nos a estabelecer um debate urgente entre gênero, esporte, raça e trabalho, ainda escasso na produção acadêmica da educação física nacional.

A terceira atleta é Mary Dalva Proença, do salto ornamental, participante dos Jogos Olímpicos de Melbourne, na Austrália, em 1956, a única mulher atleta naquela delegação brasileira. Iniciou a sua aprendizagem saltando na parte funda do igarapé, próximo a sua residência, e teve a vida modificada quando seu pai foi transferido para o Rio de Janeiro, proporcionando-lhe a oportunidade de ser vista e escolhida para representar o Brasil. A sua carreira esportiva foi interrompida quando sua família retornou à capital paraense, onde ela se casou e teve dois filhos. Mary bem que tentou permanecer no Rio para continuar a sua carreira, mas para a época (1956) uma moça solteira morar longe de sua família ia contra os princípios da moralidade social. Após a morte do marido, ela retornou ao Rio de Janeiro, buscando realizar o sonho que fora interrompido. Reforçando o modelo no qual a mulher era criada,

Mary, mesmo participando do Campeonato Brasileiro em 1963, quando se sagrou campeã, optou pelo papel social de mãe, encerrando sua carreira esportiva logo após o evento.

A pentatleta Aida dos Santos também sofreu com os preconceitos de seu pai, que achava o esporte coisa de vagabundo, por não garantir renda, não permitindo a sua filha participar de eventos esportivos. Superando vários preconceitos em relação a sua cor e à condição familiar modesta, Aída representou o Brasil em duas edições dos jogos olímpicos: em 1960, Tóquio, Japão, na prova de salto em altura e, em 1964, no México, na prova do pentatlo. Rompendo protocolos de “boas condutas” preconizados para época, relatou em entrevista à televisão as dificuldades que enfrentara nas duas participações olímpicas, afirmando que o apoio dos órgãos responsáveis pelo evento à atleta fora escasso. Foi o suficiente para Aída não ser convocada pela terceira vez, para os jogos olímpicos de 1968, apesar de apresentar os melhores índices técnicos.

Continuando a resgatar as histórias das mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos, o autor apresenta, no capítulo *novos degraus*, trajetórias de mais quatro atletas: Maria Elisa Guimarães, Maria Isabel Barroso Salgado, Luisa Parente e Soraia André. Nesse período, a escolha das atletas representantes do Brasil era feita sem critérios claros por parte dos dirigentes esportivos, geralmente militares. Não bastava o melhor índice técnico na modalidade ou na prova. Nesse contexto, Maria Elisa, aos 13 anos, apesar de estabelecer novos recordes sul-americanos absolutos, não foi convocada para participar dos jogos olímpicos de Munique, em 1972. Porém, quatro anos mais tarde, os dirigentes não puderam negar sua supremacia em todas as provas de nado livre da natação, convocando-a para os jogos Olímpicos em Montreal, Canadá, em 1976. Dada a ausência dos exames antidoping, na época, nossa atleta ficou à sombra das adversárias anabolizadas da cortina de ferro, competindo em desigualdade de condições.

Maria Isabel, conhecida no meio esportivo apenas como Isabel, também sofreu com a política brasileira e com a Guerra Fria. Não bastasse a ditadura brasileira, o clima de guerra interferiu nos

Jogos Olímpicos, causando o boicote de vários países, como os EUA, ao evento esportivo, o que garantiu à equipe de voleibol feminina do Brasil uma vaga nos jogos Olímpicos. Isabel participou de duas edições dos jogos, Moscou, 1980 e Los Angeles, 1984. A atleta recebeu, em 1982, após o Mundialito de vôlei Feminino, o título de “musa do vôlei”, que, no nosso entendimento, não valoriza nem qualifica uma atleta. A palavra “musa” está associada à beleza estética corporal, e não ao mérito atlético. Porém, como a sociedade tende a preconizar que o modelo padrão de corpo feminino deva refletir uma beleza estética particular, o título de musa foi oferecido na tentativa de atrair mais mulheres à prática do esporte.

Nos Jogos Olímpicos de Seul, 1988, e Barcelona, 1992, as atletas evidenciadas por Valporto são: Luisa Parente, a ginasta brasileira que tornou o esporte popular entre as meninas, abrindo as portas para uma nova geração, e Soraia André, judoca que ancora em sua fala a repressão que as atletas vivenciavam no contexto do esporte. Foi corajosa, e, após constatar que as verbas destinadas às atletas não eram repassadas a quem por direto, ameaçou levar as denúncias ao comitê organizador do evento. Esse episódio fez com que a Confederação Brasileira de Judô agraciasse as atletas que competiram na ocasião com os prêmios em dinheiro, que o comitê organizador destinava às atletas vencedoras. Após esse episódio a atleta não foi mais convocada para representar o Brasil, por questão política ou por falta de merecimento técnico?

As “rainhas da areia”, na expressão do autor, formam o grupo de seis atletas do vôlei de praia, dentre as quais figuram as primeiras campeãs olímpicas brasileiras, dos Jogos de Atlanta, 1996: Jackie Silva e Sandra Pires; e as vice-campeãs olímpicas Mônica Rodrigues e Adriana Samuel. Juntamente com essas atletas, estão Adriana Behar e Shelda Bedê, que participaram de duas edições dos jogos olímpicos. A primeira participação foi nos Jogos Olímpicos em Sidney e em Atenas, quando nas duas participações sagraram-se vice-campeãs olímpicas, sendo agraciadas pela torcida com muitos aplausos após o fim da competição. Dentre essas atletas está a primeira mulher a ter a honra de levar a bandeira do Brasil no desfile de abertura dos Jogos Olímpicos de 2000, Sandra Pires,

que, abrindo seu melhor sorriso, desfilou vestindo um elegante *tailleur* amarelo, com uma *echarpe* branca com a logomarca do COB e um chapéu panamá. Esse fato ilustra a ascensão feminina nos jogos olímpicos, quando o comparamos com o episódio relatado por Aída dos Santos na sua participação nos jogos de Tóquio, em 1964, quando desfilou com um uniforme improvisado por ela própria, pois os organizadores da equipe brasileira não confeccionaram um uniforme feminino para a única mulher da delegação, além de deixarem-na sozinha e sem assistência na parte feminina da Vila.

O autor conta as trajetórias de vida das atletas do vôlei de praia, salientando a conquista da vaga para representar o Brasil nos jogos olímpicos, assim como aborda em detalhes a consagração de suas vitórias em campeonatos ao longo de suas carreiras esportivas. Oscar Valporto é cauteloso ao retratar a trajetória de vida esportiva dessas atletas “fora” das areias, no que diz respeito ao seu relacionamento com a comissão técnica e com a direção das equipes nacionais. Ele harmoniza as discordâncias de opiniões que as atletas tiveram com seus técnicos e com seus diretores sobre a diferença de tratamento das atletas mulheres quanto à visibilidade no esporte, diferentemente de quando ele aborda essa questão na trajetória da atleta Maria Elisa, face à postura de Denyr de Freitas.

No capítulo denominado conquistas coletivas, destacam-se mais seis atletas brasileiras que representaram o Brasil em jogos olímpicos em equipes coletivas de basquetebol, voleibol e futebol de campo. Foram elas, respectivamente: Paula e Janeth; Leila e Virna; Pretinha e Marta. O autor descreve detalhadamente a trajetória da carreira esportiva dessas atletas em suas participações em diferentes edições dos jogos olímpicos.

Salientamos os contos sobre as atletas de futebol, pois suas trajetórias focam as diversas barreiras com que conviveram. Na década de 1940, setores conservadores pressionaram o então presidente da república Getúlio Vargas para que usasse o poder que o Estado Novo lhe concedia e vetasse o futebol feminino. Assim foi feito, e com o decreto 3.199 as mulheres ficaram proibidas de

praticar futebol, judô e boxe. Mesmo nessa condição, algumas mulheres voltaram a jogar o futebol em 1950. As atrizes do teatro de revista promoveram uma partida beneficente no Pacaembu, em 1959. Entretanto, a partir de 1964, o governo regulamentou o decreto do Estado Novo e impediu definitivamente a prática do futebol feminino.

A proibição foi revogada em 1979 e, em 1996, a equipe feminina brasileira se classificou para sua primeira olimpíada em Atlanta e também para as subseqüentes. Porém, mesmo disputando os jogos olímpicos e conquistando colocações melhores que as da equipe masculina, as mulheres não contaram com um apoio a contento. Na tentativa de dar visibilidade ao time e atrair patrocinadores, a Confederação Brasileira de Futebol convocou para fazer parte da equipe brasileira de futebol, a então esposa do jogador Ronaldo, Milene Domingues, que inicialmente conseguiu garantir um espaço nos meios de comunicação, porém não se sustentou por muito tempo.

No intuito de sintetizar a trajetória de vida das atletas citadas no texto após a participação nos Jogos Olímpicos, no quinto capítulo, “Depois do pódio”, o autor faz um breve relato sobre as conquistas dessas atletas em outros eventos esportivos e, em alguns casos, salienta a vida privada fora do contexto esportivo. Já para localizar cronologicamente o leitor no contexto da temática, o autor menciona no capítulo “Entrevistas” as datas da realização das mesmas.

Outro ponto de destaque da obra está no capítulo “Mulheres Olímpicas”, no qual o autor apresenta uma tabela com dados referentes aos nomes, modalidades, provas, resultados e classificação de cada atleta informante, em todos os jogos olímpicos que uma mulher brasileira já se fez representar, demonstrando o crescimento quantitativo e qualitativo da participação das atletas femininas na delegação brasileira, partindo, em 1932, pela presença de apenas uma atleta e alcançando, em 2004, um total de 122 mulheres, representando 49,4% da equipe olímpica brasileira.

A obra de Valporto não se propõe acadêmica, no sentido de se ater aos referenciais teóricos sobre a História do Esporte ou à produção acumulada pela Educação Física brasileira nas últimas

duas décadas de pesquisas realizadas por diferentes núcleos e programas de pós-graduação. Diante disto, citam-se vários dados, sem referência às fontes documentais primárias, com exceção das fotografias, que podem servir como rico material de análise para a pesquisa em Educação Física, gênero e mulheres. Além disso, apresenta-se a trajetória das atletas a partir de fatos que tendem a se construir como verdades históricas.

É uma obra que poderia ser classificada como literatura de lazer, no sentido de que se produz um texto agradável de ler, com as características da grande sociologia, no sentido de conferir sentido ao mundo que se cria via texto. A obra é de fácil compreensão, possibilitando a sua leitura pelos admiradores do esporte nacional e da história das mulheres no esporte. A obra tem seu mérito por ser pioneira em resgatar a trajetória de nossas atletas e recomendamos a sua leitura para escolares do ensino fundamental e médio, como um dos complementos de conteúdos que podem ser abordados nas aulas de Educação Física sobre os esportes olímpicos, esporte e gênero e história das mulheres no esporte. Os debates sobre as questões de gênero na escola, com atenção para itens como lidar com as diferenças, garantir igualdade de acesso e acessibilidade, certamente ganharão com as narrativas de Valporto.

**Athlete, feminine noun: Brazilian women in the Olympic Games**

**Abstract:** The book *Athlete, feminine noun: Brazilian women in the Olympic Games*, published in 2006 by Oscar Valporto, puts together life stories of twenty Olympic athletes, made from personal interviews telling the trajectory of Brazilian athlete women, since their first participation in 1932, in the Olympic Games of Los Angeles, to the conquest of the first Olympic medal, in Atlanta, in 1996. In their narratives, these pioneer women show us their sporting careers, with emphasis on social barriers each one had to face. The book is divided into four parts. It begins with the trajectories of pioneers of sport in swimming and athletics and finishes with our athletes of the first generation conquering Olympic medals. This is the list of women considered as pioneers: Maria Lenk and Mary Dalva – swimming; Wanda and Aída dos Santos – athletics. The author also emphasizes the Olympic athletes Maria Elisa (swimming), Isabel (volleyball); Luisa Parente (gymnastics) and Soraia (judo). The book traces the path of our queens of beach volleyball: Jackie, Mônica, Adriana, Sandra, Adriana Behar and Shelda, and closes down with women who conquered medals in team sports: Paula and Janeth (basketball), Leila and Virna (volleyball); Pretinha and Marta (soccer). The study is addressed to lovers of national sport and history and, although not in the academic style, has the merit of pioneering in registering the trajectories of our athletes, thus offering to professionals of physical education the possibility of conducting relevant discussions about gender and sport in their classes.

**Keywords:** Women. Sport. History. Olympic Games.

**Atleta, sustantivo femenino: las mujeres brasileñas en los juegos olímpicos.**

**Resumen:** El libro *Atleta, sustantivo femenino: las mujeres brasileñas en los juegos olímpicos*, publicado en 2006 por Oscar Valporto, reúne cuentos e historias de vida de veinte atletas olímpicas construidas a partir de relatos personales que describen el trayecto de las mujeres atletas brasileñas desde su primera participación en 1932 en los Juegos Olímpicos de Los Ángeles, hasta la conquista de la tan soñada primera medalla olímpica, en Atlanta, 1996. Los cuentos de la obra relatan las carreras deportivas, resaltando las barreras sociales transpuestas por cada una de esas atletas pioneras. El libro se divide en cuatro partes: empieza con los trayectos de las pioneras del deporte en las modalidades natación y atletismo e finaliza con las atletas de la primera generación que ha ganado medallas olímpicas. Las mujeres referidas como pioneras son: Maria Lenk e Mary Dalva – natación; Wanda e Aída dos Santos – atletismo. El autor sigue destacando las atletas olímpicas Maria Elisa (natación), Isabel (voleibol); Luisa Parente (gimnástica olímpica) e Soraia (judo). El libro muestra también las reinas de las arenas: Jackie, Mônica, Adriana, Sandra, Adriana Behar e Shelda, e se cierra con las mujeres que conquistaron las medallas en los deportes colectivos: Paula e Janeth (básquet), Leila e Virna (voleibol de cuadro) e Pretinha e Marta (fútbol de campo). La obra está direccionada a los amantes del deporte nacional e de la historia, e aunque no presente un texto en el formato académico, tiene su mérito por ser pionero en la tarea de rescatar tales trayectos, ofreciendo a los profesionales de la educación física la posibilidad de realizar debates relevantes sobre las cuestiones de género en la escuela.

**Palabras-clave:** Mujeres. Deporte. Historia. Juegos olímpicos.

## REFERÊNCIA

VALPORTO, Oscar. **Atleta, sustantivo femenino:** as mulheres brasileiras nos jogos olímpicos, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

Recebido em: 20/09/2006

Aprovado em: 06/11/2006

**Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 01, p.207-216, setembro/desembro de 2007.